

# ENFOQUES PRIORITÁRIOS

Em seus 25 anos de história, o GIFE e sua comunidade de parceiros sempre foram impulsionados a caminhar na vanguarda da filantropia, do ISP e da ação cidadã. Nesse processo, o apoio a agendas capazes de assegurar direitos fundamentais gerou experiências exitosas em diversos temas, tais como educação, cultura e garantia de direitos. Gerou também movimentos de convergência entre investidores sociais, instituições públicas e sociedade civil, numa demonstração de que a saída para superar as desigualdades brasileiras está umbilicalmente ligada à capacidade coletiva de agir de modo mais colaborativo.

Em sua última edição, o Congresso GIFE veio renovar tais responsabilidades. Apostando em um trilha formativo de longa duração e de intensa produção dialógica, escrita e audiovisual, o 11º Congresso produziu encontros, diálogos, articulações e pensamentos sobre os sentidos e os desafios da filantropia no Brasil. Atento ao contexto da pandemia, mas também comprometido com o futuro do país, o Congresso abriu espaço para que a rede GIFE reafirmasse seu compromisso com a democracia e com as equidades, reconhecendo a ação coletiva como a marca mais importante para a filantropia dos próximos anos.

Como demonstra esta publicação, a riqueza do 11º Congresso GIFE está naquilo que cada um dos participantes levou, viveu e produzirá a partir do trilha formativo, bem como na produção coletiva aqui sistematizada. Está, ainda, no reconhecimento de temas transversais presentes em toda a programação. Como insumos para reflexão, aprendizagem e planejamento, a seguir encontram-se elencados os temas que merecem atenção nos próximos anos, em busca de ações sociais e ambientais mais aderentes e potentes para o Brasil.

Como será percebido pelo leitor, os temas transversais são parte de movimentos de fortalecimento da cidadania, da defesa de direitos sociais, civis e políticos e de apoio ao fortalecimento da agenda pública em resposta aos desafios contemporâneos. Para as centenas de pessoas que participaram do 11º Congresso GIFE, este é um momento de ampliar o compromisso da filantropia e do ISP com a sociedade brasileira, realizando ações em interface com outros setores e com a sociedade civil, de forma ampla.

Mais colaborativo, projeta-se um setor mais participativo e capaz de promover ações com maior potencial transformador. Para além de impactos pontuais, um setor em busca de impactos sistêmicos de longo curso e capazes de alterar alguns dos vetores que seguem ancorando o Brasil na posição da nação mais desigual do planeta entre as grandes economias. As agendas estão lançadas.

**Mais grantmaking, mais doação:** dado o histórico de um setor majoritariamente executor de projetos próprios, é cada vez maior a consciência da importância do papel financiador da filantropia. São vários os apelos e recomendações para que institutos, fundações e empresas ampliem suas doações, especialmente – ainda que não somente – para OSC. Também ganham importância os debates sobre como fazer *grantmaking* na direção de flexibilizar processos e incluir, na tomada de decisão, organizações e comunidades apoiadas, por meio de práticas participativas e de filantropia comunitária.

**Mais recursos para o fortalecimento institucional da sociedade civil organizada:** uma sociedade civil ampla e diversa, com organizações fortes, é essencial para fortalecer a democracia, aprimorar a qualidade da gestão pública e assegurar direitos fundamentais. Para fortalecê-la, é preciso expandir doações para o seu desenvolvimento e fortalecimento institucional, oferecendo recursos não apenas para a execução de projetos, mas também para as despesas operacionais e para o investimento em gestão, contribuindo com sua atuação, legitimidade e sustentabilidade. É também essencial fomentar espaços de desenvolvimento profissional para lideranças, gestores e equipes em temas de gestão prioritários às organizações.

**Instituições e políticas públicas mais fortes:** agentes, instituições e políticas públicas são essenciais para que as soluções ganhem escala, perenidade e sustentabilidade, produzindo assim transformações capazes de tornar o Brasil um país mais igual e justo. A importância do diálogo, colaboração, parcerias, articulações, projetos conjuntos com o poder público, especialmente nos níveis municipal e estadual, surgem em várias pautas. A colaboração tanto requer que a filantropia saiba apoiar políticas, instituições e ações públicas já existentes, quanto buscar soluções efetivamente construídas em conjunto.

**Novo paradigma da relação entre empresas e sociedade:** as empresas têm papel fundamental na construção de mudanças positivas. Não por acaso a sigla ESG (*environmental, social and governance*) ganhou projeção em 2020, indicando que a relação das empresas com a sociedade precisa estar no centro do negócio. A ampliação da consciência e do compromisso das empresas com um país melhor é tendência no mercado e pode ganhar sinergia com mais diálogos e ações conjuntas com o ISP.

**Ampliação da agenda de investimentos e negócios de impacto:** a busca por negócios inovadores, o crescimento do número de empreendedores, o apelo por soluções com base em tecnologia digital, o interesse dos financiadores e fundos e a possível criação do marco legal das *startups* apontam para um ambiente mais favorável aos investimentos e negócios de impacto nos próximos anos. Espera-se que investidores mais abertos a riscos confirmem maior atenção a essa agenda.

**Ações mais sistêmicas, expectativas mais reais, avaliações mais sensíveis:** os processos de transformação social precisam ser percebidos em sua complexidade e analisados de modo sistêmico. Os problemas são interconectados e é preciso articular agendas intersetoriais apoiadas em construções coletivas. Tais experiências podem ajudar os investidores sociais a melhor compreender as dinâmicas de mudança e, com isso, a melhor regular suas expectativas, apostando em ações de mais longo prazo e em modelos de intervenção mais sistêmicos e colaborativos.

Nessa direção, cabe às avaliações buscarem desenhos mais sensíveis e responsivos a essa realidade, com maior capacidade de evidenciar processos, demonstrar resultados e fomentar reflexões e aprendizados.

**Novas arquiteturas de ação e inovação:** tendo em vista a necessidade de responder a objetos complexos e de dialogar com uma sociedade mais diversa em atores, linguagens e expectativas, é importante ampliar as arquiteturas de atuação e soluções inovadoras para responder tanto a desafios históricos quanto aos contemporâneos. Doações, fundos, *fellowships*, *advocacy*, *grantmaking*, *matching funds*, ativismo digital, comunidades de aprendizagem, alianças e coalizões são alguns dos modos de atuação já disponíveis, entre outros que podem ser formulados e experimentados. Só haverá evolução e inovação nos modos de agir com maior apetite a riscos.

**Mais filantropia colaborativa em redes, alianças e coalizões:** as ações de filantropia colaborativa têm sido cada vez mais reconhecidas por sua capacidade de produzir resultados mais significativos ao convergir recursos de diferentes origens e volume na mesma direção. Ao somar dinheiro, prestígio, conhecimento técnico, poder de mobilização, influência, articulação e força executiva, entre outros, a filantropia colaborativa é capaz de mover agendas e produzir efeitos mais abrangentes, relevantes e sustentáveis. Em muitos casos, realizar esforços e produzir efeitos que seriam impossíveis para organizações e ações isoladas.

**Mais diálogos com a base da sociedade, comunidades e coletivos:** a importância de ampliar diálogos e colaborações com comunidades locais, movimentos sociais, lideranças comunitárias, coletivos e outros grupos historicamente excluídos dos espaços de poder reaparece como uma prioridade e uma forma mais eficaz para alcançar as transformações desejadas. Na aproximação de tais atores, é importante reconhecer seus saberes e ativos e refleti-los na forma como se doa e se financia ações, adotando práticas que compartilhem poder (*shift the power*) e confirmem maior autonomia e estruturas mais participativas de governança e tomada de decisão.

**Mais *advocacy*, incidência pública e comunicação de causas:** o contexto brasileiro demanda posicionamentos mais fortes, resilientes e duradouros, com maior capacidade de dialogar com a sociedade e alterar o senso comum sobre pautas variadas (política, ciência, direitos humanos, entre outros). O poder de influência e articulação que grandes doadores têm é um ativo valioso e pode ser usado para evitar retrocessos e produzir avanços.

**Mais abertura, flexibilidade, fluidez e transparência:** é cada vez mais necessário que organizações e iniciativas coletivas desenvolvam modelos de governança e gestão que melhor se adequem à pluralidade de vozes dos territórios e agendas nas quais atuam, e melhor respondam a suas estratégias. A busca de espaços de poder distribuído, modelos de gestão ágil, estratégias flexíveis e demonstrações transparentes de processos, resultados e aprendizagens está no centro das mudanças necessárias.

**Mais investimento em saúde e proteção social:** se as agendas de saúde já eram importantes para a sociedade, elas se tornaram vitais com a pandemia e a maior visibilidade conquistada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Do mesmo modo, a fome e o desemprego, a miséria e a violência escalados pela crise sanitária também demonstraram a importância do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). A exemplo da agenda de educação, observa-se uma enorme oportunidade de ampliar as contribuições da filantropia para a saúde e a proteção social. Espera-se que os próximos anos assistam ao aumento do interesse do ISP e da filantropia nessas temáticas, com mais investimentos, parcerias, programas e projetos e em intenso diálogo e colaboração com a gestão pública.

**Menos racismo e mais equidade:** há forte apelo para que a equidade racial passe a ocupar lugar central nas agendas organizacionais. É preciso ampliar a presença de pessoas negras em conselhos, posições de liderança e equipes organizacionais. É também preciso que as estratégias de ISP evoluam na direção de mais doações para organizações, movimentos e ativistas negros, de mais apoio explícito à promoção da equidade racial e de estratégias (em educação, saúde, trabalho e renda, etc.) com recortes raciais.

**Maior equidade de gênero:** se por um lado celebra-se os números que atestam avanços na presença de mulheres em posições de liderança no setor, ainda é preciso avançar na composição dos conselhos e em fenômenos mais sutis de exclusão. Além disso, o tema da equidade de gênero pode também evoluir de modo transversal nas estratégias e programas organizacionais e como foco de atuação. Para além de olhar para as mulheres, a diversidade de gênero deve abarcar também a agenda LGBTQIA+, cuja timidez no ISP ainda é marcante.

**Mais apoio à pesquisa, à ciência e à divulgação científica:** o contexto brasileiro requer maior atenção ao papel das ciências e das pesquisas e maior ênfase na gestão e produção de informação baseadas em evidências. Nos próximos anos, será oportuno investir em pesquisas científicas, em tradução do conhecimento científico para a sociedade e em parcerias com universidades, fundações de amparo à pesquisa, associações de pesquisadores, publicações e agências comprometidas com a ampliação do acesso ao conhecimento científico.

